

Bioética no futuro e o futuro da bioética!

Bioethics for the future and the future of bioethics!

Leo Pessini*

De 26 a 29 de junho de 2012, realizou-se, em Rotterdam, Holanda, o 11º Congresso Mundial de Bioética, promovido pela Associação Internacional de Bioética (IAB), que comemorou seus 20 anos de existência rememorando o 1º Congresso Mundial, que ocorreu em Amsterdam, de 5-7 de outubro de 1992, organizado pelo Conselho de Saúde da Holanda. Uma temática instigante e atrativa, *Pensando adiante: Bioética para o futuro. O futuro da bioética, desafios, mudanças, conceitos*, reuniu mais de 600 participantes, provenientes de mais de 60 países do globo. O Brasil, com uma presença expressiva de 28 pessoas, apresentou vários trabalhos nas seções orais e pôster. Uma ativa network de bioética na Ibero-América reuniu público expressivo interessado em entender bioética em nossa perspectiva.

As palavras iniciais de abertura do evento foram proferidas pelo atual Presidente da IAB, Nikola Biller-Andorno: “Pensando adiante é o Slogan do 11º Congresso Mundial de Bioética”. E, de fato, nossa comunidade global é confrontada com numerosos desafios para olharmos adiante, uma roca construtiva entre bioeticistas de todas as partes do mundo, representando diferentes contextos culturais, experiências de vida e prioridades.

Rotterdam, a cidade de Erasmo, o eminente humanista, é mais que um lugar apropriado para perseguir esse objetivo. Vinte anos atrás, a IAB foi fundada em Amsterdam. A contribuição de todos para esse Congresso Mundial de 2012 será um lindo presente de aniversário.

A Presidente do Congresso, a bioeticista holandesa Inês de Beaufort, após discorrer sobre a responsabilidade de organizar um Congresso Mundial, assim se expressou: “Os congressos dizem respeito a ouvir os famosos pesquisadores, ouvir os jovens fazendo sua primeira apresentação e intercambiando resultados de pesquisa, conversar com o seu bioeticista favorito e estabelecer redes de contato para a sua própria profissão. Os con-

gressos são também sobre encontrar pessoas e para fazer amigos, e, nesse sentido, Rotterdam será o início de uma amizade longa e especial”.

A participação no 1º Congresso, em Amsterdam, em 1992, mudou a minha vida, na medida em que ampliou meus horizontes e encontrei pessoas com as quais viria a trabalhar durante 20 anos. Espero que muitos de vocês possam ter essa experiência de encontros com bioeticistas aqui. O que as pessoas argumentam a favor ou contra pode ser lido em livros ou artigos, e para isso não necessitamos viajar e participar de Congressos. Mas quem os bioeticistas e o que os torna como tais, isto é algo que podemos testemunhar neste momento de convivência na vida real.

Uma terceira intervenção na abertura foi a da Presidente da Universidade Erasmus de Rotterdam, Pauline van der Meer Mohr, Universidade patrocinadora do evento mundial. “Como Presidente da Universidade, minha preocupação é reafirmar que cresceremos e desenvolveremos futuros líderes se os equiparmos com um conteúdo que eles necessitam para viver responsabilmente suas vidas. Existe um sistema de valores e um conjunto de crenças ocultas nessa afirmação que estou certa de que não permanecerá despercebida. Precisamos assegurar para a geração de amanhã uma difícil e desafiadora missão cuja palavra-chave é *integridade*. “Se as Universidades não podem mais exigir um alto standard moral, quem poderá? A integridade é o oxigênio acadêmico”.

Segue a Presidente da Universidade Erasmo dizendo que ao “olhar os assuntos do Congresso, vejo que são globais. Desde os perigos morais até negócios sustentáveis de saúde pública ao bem-estar animal, da agricultura até engenharia genética. A vida humana, desde o seu desenvolvimento inicial, desafios de crescimento, maturidade até a busca ética de ‘um digno final’, são todas questões de (bio)ética. Suas palavras finais: Estou feliz que a Universidade Erasmo possa hospedar o 11º.

* Doutor em Teologia/Bioética. Pós-graduado em Clinical Pastoral Education and Bioethics, St Luke's Medical Center. Docente do Programa *Stricto sensu* em Bioética (Mestrado e Doutorado) do Centro Universitário São Camilo, São Paulo. E-mail: pessini@saocamilo-sp.br

Congresso Mundial de Bioética e é meu grande privilégio dar as boas-vindas a todos vocês em Rotterdam.

A conferência de abertura de John Sulston teve como tema: “As pessoas e o planeta”. Ele falou da importância de considerar o crescimento populacional e mudanças em combinação com o crescente consumo de bens, quando olhamos para possibilidades de desenhar políticas em torno do desenvolvimento sustentável. Enfatizou também a importância que os eticistas têm nesse processo, porque o debate sobre desenvolvimento sustentável envolve avaliar vários elementos contraditórios do bem-estar humano, tais como liberdade, segurança, saúde e recursos materiais. Segundo Sulston, muitas famílias e mulheres em países pobres atualmente não têm acesso ao planejamento familiar. Aumentando o acesso, ajudaria a diminuir o índice de fertilidade mundial. Outra questão que ele levanta: a humanidade precisa se reajustar na maneira como faz suas escolhas, especialmente considerando como ela tem lidado com os escassos recursos, tais como terra e energia. O futuro da humanidade e da Terra “é uma questão de escolha humana”, concluiu.

Ainda entre as celebridades, esteve presente a Baronesa Warnock, do Reino Unido. Ela discorreu sobre o valor da vida humana em relação ao *status* moral do embrião humano. Narrou a história da legislação no Reino Unido sobre fertilização e embriologia (lei de 1990), que sublinha que os frutos da pesquisa com embriões são importantes para a humanidade. Esses benefícios sociais superam de longe os preconceitos em relação aos embriões. Finalmente, diz ela que “não é a vida em si que nós valoramos, mas as vidas de seres humanos viventes”.

Não somente no início da vida, mas também no final o valor da vida significa algo mais que puramente “estar vivo”. Lady Warnock afirma que a longevidade está se tornando um problema crescente, considerando-se que, por exemplo, provoca o crescimento da demência, que dobra a cada 5 anos, trazendo um pesado ônus para as pessoas afetadas e seus familiares. A busca da morte pode ser uma resposta racional frente a uma certeza de vida em franca deterioração, dependência total e sofrimento prolongado. Nessa perspectiva, antes de tentar – a todo custo – evitar a morte, ambos, profissionais médicos e sociedade como um todo, deveriam en-

tender a seriedade da culpa e humilhação envolvida na experiência de dependência total, e que alguém vivendo nessas circunstâncias dolorosas pode optar por não mais querer viver. Os profissionais médicos poderão fornecer para essas pessoas os meios para por um fim à existência humana, ou simplesmente ajudá-las a morrer. Warnock lembra que o objetivo primeiro da medicina não é salvar vidas, mas aliviar o sofrimento humano e que, em determinadas situações, a morte pode ser a melhor maneira de fazê-lo. Ela finaliza sua argumentação apontando para uma nova missão bioética, ou seja, a de realizar “um novo exame sobre o que é que dar valor à vida”. É claro que para ela o simples viver prolongando o sofrimento e o processo do morrer não faz parte da resposta.

Todo congresso com características internacionais e globais em termos de cultura como esse é, na verdade, um grande mercado de ideias, onde se discute e debatem-se os mais distintos valores e filosofias em relação à vida humana, e também no sentido de vida cósmica e ecológica. Em congressos mais recentes, tivemos uma programação muito concentrada em discutir as questões éticas relacionadas com *nova genética e o genoma humano* (clonagem de Dolly, clonagem de humanos? – 1997; sequenciamento do genoma humano – 2000). A agenda ética da *ética na pesquisa com seres humanos* permanece como questão recorrente nesses eventos. Ressalte-se ainda que nesses eventos temos sempre abordagens clássicas relacionadas com as *questões tradicionais da bioética clínica*, que ganham novos contornos a partir das novas situações contextuais em países emergentes e novas descobertas na área, tais como *questões de início de vida* (pesquisa com embriões, tecnologias reprodutivas, fertilização *in vitro*) e *final de vida humana* (eutanásia, obstinação terapêutica, cuidados paliativos, etc.). Segundo informe da Sociedade Europeia de Reprodução Humana e Embriologia, temos hoje no mundo cinco milhões de “bebês de proveta”, desde o primeiro nascimento no Reino Unido, de Louise Brown em julho de 1978, feito do Dr. Robert Edwards, que ganhou o prêmio Nobel de medicina pelo “*avanço tecnológico que revolucionou o tratamento da infertilidade humana*”. Outro assunto recorrente nesses congressos trata da doação e transplantes de órgãos, agora com atenção para o tráfico de órgãos e a questão de pagamentos.

Nesse momento, existe toda uma vigilância ética internacional em relação à *doação e transplantes de órgãos*, com a implementação de um comércio internacional de tráfico de órgãos e a questão econômica dos pagamentos.

Ao trilhar pelas sendas mundiais do movimento cultural mundial da bioética, durante esses últimos trinta e dois anos, participei de nada menos do que dez edições desses congressos Mundiais da Associação Internacional de Bioética, em uma ainda curta história do início da bioética, de apenas 42 anos, tomando a data referencial o início dos anos 70 do século passado, com Van Rensselaer Potter (Universidade de Wisconsin, WI) e Instituto Kennedy (Washington, DC, nos EUA). Somente não participei do primeiro evento mundial, realizado em Amsterdam, por motivo de desconhecimento na época. Enfatizo que esses congressos vieram a ocorrer somente a partir dos anos 90. Vejamos sinteticamente esse recorrido histórico: 1992 – Amsterdam (Holanda); 1994 – Buenos Aires (Argentina); 1996 – São Francisco (EUA): *Bioética num mundo interdependente*; 1998 – Tóquio (Japão): *Bioética Global*; 2000 – Londres (Inglaterra): *Bioética e políticas públicas*; 2002 – Brasília (Brasil): *Bioética: poder e injustiça*; 2004 – Sidney (Austrália): *Ouvir profundamente: construindo pontes éticas entre a realidade local e a global*; 2006 – Pequim (China): *Bioética: em busca de uma sociedade justa e saudável*; 2008 – Rijeka (Croácia): *Bioética, saúde e cultura*; 2010 – Singapura: *Bioética num mundo globalizado*; 2012 – Rotterdam (Holanda): *Pensando adiante: bioética no futuro e o futuro da bioética*; 2014 – previsto para a Cidade do México (México).

Podemos afirmar que após o Congresso Mundial de Bioética de Brasília, em 2002, “*Bioética: poder e injustiça*”, que cravou na agenda mundial da bioética a importância das questões sociopolítico-econômicas relacionadas com a (in)justiça, acrescentando a questão ecológica e meio ambiente, o Congresso de Rotterdam, uma década mais tarde no tempo, foi o primeiro que retomou com ênfase algumas dessas questões político-sociais para a agenda da bioética. James Dwyre, ao introduzir sua fala em uma sessão sobre “*Ética e meio ambiente*”, afirma que “*a bioética frequentemente foi apresentada numa visão estreita, enfocando somente sobre tratamentos e pesquisas médicas, mas esta sessão é para*

trazer de volta o ‘bio’ na bioética”. Ele conclui sua fala dizendo que: “*Nas discussões, vimos que as características religiosas e sociais da sociedade são importantes em como nós nos relacionamos com o resto do planeta. Precisamos mudar nossa abordagem antropocêntrica na qual nós nos encontramos como seres superiores às outras espécies. Desenvolvimento sustentável significa que não devemos olhar para os países com alta tecnologia no mundo desenvolvido como modelo para se organizar os cuidados de saúde; uma abordagem mais modesta seria desejável*”. Tivemos várias sessões orais, simpósios e seções plenárias sobre: *Saúde Pública; Tecnologias da saúde, Direitos Humanos e Justiça global; Bioética e meio ambiente: saúde sustentabilidade e justiça; saúde global e justiça global; desenvolvimento sustentável; futuras gerações e neuroética*, entre outras questões bioéticas contemporâneas.

Sendo a Holanda um dos primeiros países do mundo, em 2002, ao lado da Bélgica, a legalizar a eutanásia, claro que não poderia faltar no programa espaço para se debater as questões éticas relacionadas com o final de vida, com uma seção plenária e *simposium* sobre: *sedação paliativa: uma boa morte?*, além de muitas apresentações orais e pôsteres sobre o assunto. Muito longe de termos consenso, estamos diante de uma questão polêmica e plural, com novas sensibilidades e que, portanto, exige discussões e diálogo.

Esse congresso enfatizou a discussão ética em torno da questão do *crescimento da população mundial* nos países pobres, com as consequências sérias que podemos ter no futuro, de um lado, e o *envelhecimento da população*, principalmente nos países mais ricos e desenvolvidos, o que gera uma preocupação com as doenças crônico-degenerativas (Parkinson, Alzheimer, demência, etc.). A doença de Alzheimer é a forma mais comum de demência e possivelmente contribui com 60% a 70% dos casos. A Organização Mundial da Saúde (OMS) acabou de lançar o relatório “*Demência: uma prioridade de saúde pública*”, em que afirma que a doença de Alzheimer será o grande pesadelo desse século, sendo que a demência pode ser um desafio maior que o próprio HIV/Aids.

Estima-se que 35,6 milhões de pessoas viviam no mundo com demência em 2010. Existem 7,7 milhões de novos casos a cada ano (mesmo tamanho da população da Suíça e Israel hoje), implicando que temos um novo caso de demência em algum lugar do mundo a

cada 4 segundos. Esse número deve quase dobrar em 20 anos, chegando a 65,7 milhões em 2030 e a 115,4 milhões em 2050. O alto custo da doença, hoje estimado em US\$ 604 bilhões por ano e com tendência a um crescimento rápido, será um enorme desafio para os sistemas de saúde enfrentar. Nosso País tem aproximadamente 500 mil casos de Alzheimer.

Uma pergunta na ponta do avanço da pesquisa tecnológica em relação à vida humana: *viver para sempre?* Uma plenária abordou o assunto do debate corrente em torno do melhoramento (*enhancement*) cognitivo e moral. John Harris, polêmico bioeticista britânico, na sua fala, apresenta o pró-melhoramento humano como uma necessidade, porque, segundo ele, “1. No futuro não haverá mais humanos. Isto porque nós teremos evoluído, seja pela revolução Darwiniana ou pela revolução via melhoramento. 2. No futuro não existirá mais o planeta Terra. Nosso sol morrerá e com ele esse planeta”. Realmente um posicionamento ousado e que assusta, alinhando-se na perspectiva dos “profetas de um novo apocalipse” de destruição de desaparecimento de tudo quanto existe na Terra. Em sessão informal, com comidas e bebidas estilo *talk show*, com música, denominada “café político”, com a temática “*A bioética se encontra com a bio-política*”, ao final da tarde, discutiu-se, com políticos e bioeticistas, qual a contribuição da bioética para a elaboração de políticas públicas?; bem-estar animal com Peter Singer, e medicina antienvhecimento; viveremos para sempre?

Outra questão-chave para o futuro da bioética é a *temática da educação em bioética*, que aos poucos vai ganhando visibilidade com discussões sobre fundamentos (a filosofia é o passado ou o futuro da bioética?), com Tom Beauchamp, um dos “pais” da corrente bioética principialista norte-americana, que estava presente, bastante sorridente e disponível a encontros pessoais, bem como troca de experiências entre novos centros de bioética que vão se criando em torno do globo.

O que podemos dizer em relação ao futuro da bioética, tema central do congresso? A partir do que foi dito na mesa-redonda final com todos os ex-presidentes da Associação Internacional de Bioética, fala-se que a bioética precisa estar em sintonia, discutindo as questões mais importantes da humanidade; constata-se que cresceu muito nos EUA, mas também em todo o mundo (bioética global em termos geográficos) com acentos diferentes obviamente, em cada região; valorizar a bioética como um importante campo de reflexão sobre o mundo da vida; deve se preocupar mais em termos de educação com a nova geração de especialistas em bioética; a bioética tem de ser mais inclusiva no âmbito das profissões, para além das clássicas áreas da Filosofia, Teologia, Medicina e Direito, tendo de abarcar as novas profissões; trabalhar mais o seu aspecto interdisciplinar; alimentar mais o diálogo e o respeito pelo diferente em uma realidade pluralista e complexa.

Uma palavra final quanto à organização do congresso. Essa foi sem dúvida impecável e bastante criativa, no sentido de valorizar apresentações sérias do ponto de vista acadêmico, mas discutidas em tom informal. A organização não forneceu as tradicionais bolsas, bem como nenhuma brochura da programação e abstracts, em função de contenção de custos, frente à forte crise econômica europeia. A presença no palco do teatro, onde eram realizadas as sessões plenárias, de amplas poltronas em forma de *Talk show* televisivo e um belíssimo piano de cauda, em vez da tradicional mesa de trabalhos e música após cada exposição sintonizada com o tom da temática em discussão, foi uma fantástica novidade estética, a ser criativamente imitada para os futuros congressos. Esteticamente foi um *show* com as cores das luzes desse cenário, variando apropriadamente, em um teatro de um centro de convenções moderno, amplo e confortável.